



«Externamente, Trump destruiu a ordem económica e política mundial, fez os Estados Unidos perderem a sua posição de domínio, promoveu a mudança dos tradicionais aliados para outros que têm em comum com ele o mesmo sentimento de barbárie e que já estavam no poder ou vieram a ele aceder»,

defende Eduardo Paz Ferreira, autor do livro *Os Anos Trump*, publicado pela Gradiva.

Em *Os Anos Trump* defende que «a eleição de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos configura-se como um dos acontecimentos mais nefastos que o mundo conheceu nos últimos anos». A actuação de Trump desde a publicação do seu livro leva-o a manter essa ideia?

Essa foi uma percepção que tive logo após a eleição e, mesmo não sendo americano, segui estes anos de chumbo com grande atenção e várias sessões de debate. Decorridos estes anos tenderia a dizer que foi mesmo o mais nefasto acontecimento, como os últimos meses tornaram particularmente visível.

Se é verdade que os Estados Unidos já tiveram maus presidentes e alguns, como Nixon, foram destituídos por muito menos do que fez Trump, importa salientar os aspectos mais negativos do seu mandato, quer interna quer externamente. Internamente, Trump tem-se esforçado ao máximo por destruir as regras do Estado de Direito, acabar com a liberdade da imprensa, submeter o poder judicial ao poder executivo, fomentar o ódio contra a emigração num país de emigrantes, usar o seu poder para benefício próprio, humilhar os militares e os altos cargos políticos.

As crescentes manifestações de racismo e o número imparável de falsas notícias estão a ser um instrumento posto ao serviço de um projecto radical de dividir o país e fomentar o ódio entre os americanos. Muitas vezes sentimo-nos à beira da guerra civil.

Atrás do seu escudo protector, forças nazis e de extrema-direita tentam garantir a tensão alta. Desapareceu qualquer vergonha ou limite aos discursos do ódio que aparecem como os únicos vencedores.

Externamente, Trump destruiu a ordem económica e política mundial, fez os Estados Unidos perderem a sua posição de domínio, promoveu a mudança dos tradicionais aliados para outros que têm em comum com ele o mesmo sentimento de barbárie e que já estavam no poder ou vieram a ele aceder. Saiu de tratados internacionais da maior importância, como o de Paris sobre o clima. Saiu da OMS e ameaça permanentemente as Nações Unidas.

Enquanto não acabar Trump não acabarão os ditadores latino-americanos capitaneados por Bolsonaro, e líderes fracos, como Trudeau, não serão capazes de lhe fazer frente.

A forma execrável como lidou e lida com a pandemia fica como última imagem de um homem que está no lugar onde nunca deveria ter chegado.

Até que ponto é que a liderança de Trump nos últimos anos enquanto presidente dos EUA está a ser ou pode vir a ser uma séria ameaça internacional, especialmente para a Europa?

É inquestionável quanto Trump tem prejudicado a Europa, com as referidas mudanças de alianças, com as guerras comerciais e, sobretudo, com a tentativa de espalhar o mesmo discurso de ódio. Hoje a União Europeia não tem qualquer ideia de quem podem vir a ser os seus aliados, mas importa sublinhar a fraqueza dos líderes europeus para gerarem soluções. Que o Bom Papa Francisco os inspire.

Enquanto não acabar Trump não acabarão os ditadores latino-americanos [...]

As eleições nos EUA estão para breve. Que lições deveriam ter sido aprendidas entretanto no âmbito da presidência de Trump?

Não creio exagerar se considerar que continua a haver um risco de vitória e uma recusa

de aceitar os resultados caso sejam negativos para Trump. A violência que está a estimular é um sinal desta estratégia. Esperemos que os democratas tenham percebido que não o podem subavaliar. Uma vez mais, depois da desastrosa candidatura de Hillary Clinton, o candidato democrata volta a ser uma péssima escolha, pela idade, pelo posicionamento ideológico, pela ligação aos interesses financeiros. É a percepção de que é preciso acabar com a presidência Trump que levará a maioria dos votantes de Biden às urnas, o que representa um dado muito perigoso.

Os lados mais positivos são a prevista grande afluência de jovens, vindos sobretudo da campanha Sanders e a formação crescente de uma aliança entre latinos e afro-americanos, que não era frequente.

Passadas as eleições, o Partido Democrata terá de fazer uma análise séria das suas debilidades e da falta de proximidade com uma grande parte do eleitorado.

